

O B O N D E

(Registrado Sob o n.º. 926 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

« A RAZÃO ACABARÁ POR TER RAZÃO »

ÓRGÃO ORIENTADO E DIRIGIDO PELOS ALUNOS DA ESAV.

Diretor: Guy P. de Freitas-Redator Chefe: Antônio Rodas-Gerente: José P. de Rezende-Secretário: Marcos R. de Azevedo

Ano IV _____ Viçosa, 9 de Dezembro de 1949

N.º. ⁸⁶
87

AOS FORMANDOS DE 49 O BELISCÃO

Ao dizermos Adeus a esta plêiade de jovens que, após longos anos de esforços, acham-se, hoje, coroados de êxito, o fazemos sincera e despretenciosamente.

E êste Adeus que aqui formulamos, não é síntese e nem apinhado filosófico de compêndios bem arquitetados, porém, um Adeus que ficará gravado, indelevelmente, nos anais de nossa vida estudantil. Isto, porque temos, em cada um de vós, um verdadeiro e sincero amigo. Os vários anos de convívio fizeram com que se tornasse enraizada e sólida esta amizade. Queremos e cremos, sinceramente, enquanto Deus nos legar a vida, na conservação da mesma, imutável.

Sabemos, também, que o mesmo dirão nossos demais colegas, que nesta fonte de sabedoria, ainda continuaremos, á busca da meta final, que tendes em vossas mãos.

Dentro em breve dispersareis nas entranhas dêste nosso torrão pátrio, com finalidade primeira do trabalho. Esse trabalho criado e abençoado por Deus, jamais desaparecerá da face da terra.

Pensando nesse vocábulo vereis quanta maravilha nele se encerra. E seja qual for o trabalho que pratiqueis, será útil a vós ou a outrem.

Se tendes amor á Pátria, á Academia onde usufruístes conhecimentos científicos, e, até mesmo, a alguém que vos dedica afeto, podereis estar cientes de que êste amor engendrará o sublime no transcurso de vossa vida.

Não desdenheis nunca, e sob nenhum pretexto, de vossas capacidades, pois, vencereis quaisquer que sejam as vossas missões, quer técnicas, práticas ou teóricas.

Porém, lembrai sempre, de que o trabalho é a garantia da ordem e a oficina do progresso, quer seja êle manual ou intelectual.

Não duvidamos em afirmar que a recíproca será verdadeira, no que diz respeito á saudade. Deixareis saudosos os entes que soubestes cativar, sentireis, em proporção maior, saudades desta poética vida acadêmica que constitui o mais significativo marco de nossas vida.

A saudade é um sentimento que consola magoando. Alguém disse que, com o tempo, tudo passa, tudo morre, a saudade, porém, constitui uma exceção, á medida que o tempo passa, ela vai tomando as mais vastas proporções.

Ao despedirmo-nos de vós, fazêmo-lo, em nome dos que ficam com um apêlo ao Criador, para cobrir-vos de fluidos benéficos, e de força física, moral e intelectual, para que possais vencer na luta pela vida.

Baseado no ditado: "Vencer sem lutar é triunfar sem glória", que constitui uma grande realidade, sentimo-nos, muitas vezes, estimulados a lutar pela vida.

"O preço da liberdade é a eterna vigilância" — Frase profe-

(Continúa na 3.ª na página)

Não é invensão minha, existe desde que o mundo é mundo. Afirmar que Eva foi beliscada por Adão, é afirmar uma verdade.

Até hoje se belisca. Entre todos do passado, do presente e, provávelmente do futuro, os portugueses são os que mais beliscam. Como afirma Júlio Dantas, em sua obra monumental: "O amor em Portugal no século XVIII" — Diz êle que os portugueses tinham a enraizada mania, a gravíssima doença de beliscar as mulheres, principalmente a dos outros. Algumas deixavam-se ser beliscadas com grande facilidade, sentindo, mesmo, grande volúpia nos beliscões portugueses.

A história de Portugal nos conta que, quando o exército português tomava uma cidade, as ruas ficavam cheias de lusitanos e mulheres repletas de beliscões.

Era em qualquer reunião, até mesmo nas Igrejas; tôda dama que estivesse ao alcance do braço de um português... Batata... Beliscão na certa. Como não escolhia parte do corpo, nos braços roliços, nas ancas de quadrís largos, nas pernas carnudas, e, sem que fôsse percebido pelos outros, dava "cordas" ao seu entretenimento. Ouvia-se, logo, um grito: — ai! Pouco adiante, um outro: — ui! esquerda, um gemido: — han! A' frente, um suspiro: — hum!

Sabia-se logo, eram as perigosas mãos portuguesas que trabalhavam, ativamente, naquelas tentadoras carnes feminis. E êstes

(Continúa na 3.ª página)

GRANDES HOMENS

Este 1949 tem sido, mesmo, um ano rico em centenários. Basta-nos citar as comemorações do nascimento de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, da morte de Chopin, e dos dois séculos do advento de Goethe, o grande poeta alemão.

Vultos que permaneceram algum tempo obscuros, por culpa da avalanche de maldade que desabou sobre a Humanidade, nos últimos anos, ressurgem, agora, maiores e envoltos numa auréola de admiração e respeito, cujo esplendor aumenta, á medida que os dias passam.

Não nos é permitido tecer comentários a respeito de tão nobres figuras; limitamo-nos, apenas a transcrever o que deles dizem seus conhecedores.

De Chopin, cujas obras maravilhosas foram compostas em plena era do Romantismo, disse Debussy: "A música de Chopin é uma das mais belas que jamais se escreveram". Vila Lobos, assim se expressou: "Chopin é a alma universal do piano. Considero Chopin como um dos quatro pontos cardiais do mundo artístico".

E quem, de nós, não se comove e se extasia, ao ouvir algumas de suas belas composições?

Goethe, o "imenso alemão", segundo alguém, é considerado um dos espíritos mais sublimes do gênero humano. E' preciso que se diga mais alguma coisa?

Durante a terrível dominação do Nazismo, na Alemanha, a memória daquele homem extraordinário foi "empanada" a golpes de baioneta e a custa de calúnias as mais vis.

Hoje, êle se avulta imenso aos olhos do mundo, enquanto que seus inimigos tendem, já, a cair no esquecimento, provando, isso, mais uma vez, que só mesmo as forças do bem conseguem opôr resistência ao poder destruidor do tempo...

Quanto a Joaquim Nabuco, "é uma das nossas glórias mais puras e de que mais legitimamente nos ufamamos. Pensador, filósofo, poe-

ta, Nabuco notabilizou-se, na monarquia, como orador parlamentar e jornalista, servindo-se da tribuna e da imprensa em prol da abolição da escravidão, de que foi um dos mais ardorosos propan-gandistas".

Este brasileiro ilustre, que encheu de orgulho seus compatriotas, teve uma vida devotada ás belas causas.

Nosso país, reverenciando-lhe a memória torna-o, ainda, mais conhecido e admirado de todos, pois, Joaquim Nabuco foi exemplo eloquente de retidão de caráter, coisa rara em nossos dias.

Que poderemos dizer de Ruy Barbosa, o homem em cuja presença os mais ilustres sentiam-se pequenos?

Como Goethe, na Alemanha, Ruy Barbosa teve seu nome obscurecido durante a Ditadura estadonovista, que varrera de nosso dicionário as palavras Direito, Justiça e Liberdade, de que o grande brasileiro foi paladino.

Vindo abaixo o castelo ditatorial, Ruy Barbosa elevou-se, sobremodo, no conceito de seus con-cidadãos.

A cerimônia de trasladação de seus restos mortais, do Rio de Janeiro para a Baía, foi algo emocionante, que bem demonstra a admiração do povo brasileiro, que a êle tanto deve.

Sua casa, na Capital da República, é considerada o santuário do pensamento nacional, e, para lá, convergem as atenções do mundo, neste ano em que se comemora, com tanto brilhantismo, o centenário de seu nascimento.

Há pouco, foram publicados quase duzentos livros seus, por iniciativa do Ministério da Educação.

"A lição de Ruy servirá para que as gerações vindouras se esforcem por construir o grande Brasil que êle tanto desejou e pelo qual batalhou."

MARCOS

Coluna Louca

A IMPORTANCIA DO VERME

Nunca, certamente, foste beliscado pelos vermes. Talvez que, se o tivesses sido, não estarias tão seguro de tua posição de bom vinte, comodamente, instalado sobre a face da Terra.

Talvez que sorriras, ao ouvir estas palavras desconexas, como se eu fôra um cadaver a lastimar as dores da decomposição.

Mas, meu caro, nem só de pelancas vive o verme, pelo menos os que já me mastigaram.

Aquele lagatão, todo emproado a tua destra, vive de injúrias; aquele outro, todo lampeiro, a tua frente, bebe, sofredamente, a infelicidade colhida com a sua desfaçatez.

Todos são vermes, e como nos corróem os esfaimados.

Sim, meu caríssimo, quem tem a fisionomia tranquila como tu, nunca foi beliscado pelos vermes.

O verde de teus olhos foi o oceano em que afoguei a minha vida; o negro de tua alma foi a minha tábua de salvação...

O mal, de todos os homens, é o de andarem em busca do Paraíso Celestial, quando o paraíso está nos olhos de uma bela mulher...

POR QUE?

Cindiu-se a parallaxe de meu eterno asteróide,

fundiu-se, tornou-se amebóide o ideal puro com que encimara os capitéis

das pilastras da minha integridade.

Porque te negas-te á Santidade?

Porque desapertas-te o cinto da castidade?

Porque?

Lord Short-Horn

AOS FORMANDOS DE 1949

(Continuação da 1.ª página)

rida por Eduardo Gomes. Sim, mas a liberdade que almejamos e necessitamos, não é, apenas, de palavras ou de imprensa, porém, mais significativa, que é a liberdade econômica.

«O Brasil espera que cada um de seus filhos cumpra com seu dever.» Este dever se enquadra no trabalho profícuo e honesto, e não no trabalho unicamente realizado com o fito de se galgar posições sociais, como se tem notado, ultimamente.

Usando-se, para isso, de belas peças oratórias e de uma esmerada diplomacia, que nada mais é que a arte de iludir e cativar as massas.

Ainda nos dizes de Stephan Zweig: «O dia que o Brasil reconhecer, que o espaço é força, e gera força, que não são o ouro nem o capital poupado que constitui a riqueza de um país, mas sim, o solo e o trabalho que neste é realizado, erguerá, e de pé, caminhará erecto e confiante em seu belo porvir!

Portanto, cabe a vós, formandos de hoje, e a nós, formandos de amanhã, reconheceres dizes acima, executando-os, para que um dia possamos gritar a tôda altura: "Somos os maiores e os que mais produzimos!"

E, nesse dia, veremos concretizados o conforto e a paz, que se reunirão, no seio dos brasileiros, onde outrora, com afincos e decisão, trabalharam seus antepassados.

DESPEDIDA

"C."

O grande momento aproxima-se! Nossos quatro anos de intensas lutas, estão por terminar! Que nos aguardará o futuro, este personagem misterioso e sinistro, que nos incute receio e, ao mesmo tempo, a curiosidade infinda de conhece-lo!

Poderíamos, talvez, considerar êsses quatro anos, como as estações de um só, cada qual com suas características peculiares.

O Inverno, nosso primeiro ano, sombrio como sempre, apresentase a nos influenciando, incutindo-nos, a um só tempo, medo e desejo de vencer. De repente, a temperatura caiu, e um pequenino inverno precoce derramou, na convulsão das horas, a doçura de um instante sereno. As horas passaram mais lentas, num ritmo de carícia tímida, com a quietude modelando os últimos minutos. Depois, há sempre um instante em que o silêncio fica mais leve e o coração se apossa desse silêncio, como um tesouro confiado pela solidão! . . .

Chega, por fim, a Primavera, e, com ela novas esperanças e mais fé no futuro, de vez que, com ela, chegam as flores que deverão trazer os futuros frutos.

Eu amo a primavera e o céu, e me afeiço, de repente, a certas pessoas, sem saber porque. E' a própria mocidade que se ama. Acredito que os homens estão, sempre, sonhando. Pois bem, eu sonhei com aquela moça, com sua inteligência; aí está o que ela possui de mais tenro e delicado; são focos obscuros, de onde scbem, entretanto, ondas de luz, essa luz que brilha nos olhos, quando elas encontram alguém que imaginam capaz de entendê-las.

Eis que, sem nos darmos conta, surge o Verão, em tôda sua violência. Se eu não mais tivesse fé na vida, se duvidasse da mulher amada, se estivesse convencido que tudo não passa de caos e desordem, se todo horror das desilusões humanas investisse contra mim, então eu não me mataria, haveria de viver assim mesmo. Sim, viveria assim mesmo, afim de continuar minha jornada, na ansia de um futuro sorridente e belo. Ficar longo tempo olhando a você, á sua beleza, é talvez, a maneira mais miraculosa pela qual ficamos sabendo o que poderá acontecer . . .

Entra o Outono, e, com êle, o fim de nossa jornada. Alguns frutos já estão sendo colhidos, e outros, o serão, daqui a pouco. Olhando para trás, vejo, muitas vezes, a vida contida, apenas, no

gesto de alguém adorando a beleza da face de uma moça e sabendo que, embora nunca mais a veja, a luz daquele rosto não se apagará mais de seu sonho. Porque sómente no fim da jornada haveria isto de acontecer, pergunto eu? Você, certamente, por intuição, já me terá compreendido. Bem, disse intuição, e não qualidade perceptiva. Esta significa, simplesmente, a maior ou menor possibilidade de aceitar as coisas; a outra, é a secretíssima faculdade de adivinhar, de pressentir, de maneira tão remotíssima, tão distante como um sonho, ou numa visão flutuante na onda aérea do sentimento, o mistério mais intenso de cada coisa, principalmente, daquilo que direi agora: "quem a viu não a esquece mais". Não foi meu objetivo propôr indagações a sua inteligência. Foi, antes, uma arguição suave; sei de sua generosidade; você sabe de minha amizade! . . .

Estamos quasi de partida, e, com esta, vem, mansa, a vontade de rever os amigos . . .

Talvez, aqui, não caiba um adeus, mas sim, um longo e simples . . . até logo! . . .

BELISCÃO

(Continuação da 1.ª página)

gritos eram seguidos por doces sorrisos.

A doença se propagou de tal forma que o próprio rei D. João V, disfarçava-se em mendigo, para ir esmolar á porta de um mosteiro, onde havia lindas mulheres, como Soror Paula, Soror Maria da Luz, dar livre expansão a sua doença: e nelas ferroava um beliscão com frenesí, com ancia, com gôzo. "Deixava de saber se mula mancava, o que êle queria era beliscar".

E dizia mesmo, "nunca um lugar tão sagrado abrigou um pasatempo tão profano".

E, entre outras coisas, herdamos isto, dos nossos primeiros colonizadores, pois, constantemente, ouve-se no cinema, no baile, no jardim e em tôda parte, um gratinho, do fundo da garganta. Sabem o que é isto? E' o beliscão que está em cena.

Os portugueses são os Campeões no beliscão, e nós, os brasileiros, os Reservados Campeões, da arte de beliscar. T. G. F.

Advertência

Com esta edição finda-se o exercício de mais uma diretoria de "O Bonde" que, durante amargos momentos, pensamos ser a última.

Sem modéstia proposital, cremos ter sido a diretoria menos produtiva que tem orientado, até hoje este Periódico.

As causas, embora não pareça, são bem complexas.

Ao sermos "encabrestados" ao "O Bonde", a sua situação econômico-moral encontrava-se em verdadeira crise, o que poderá ser constatado pela simples demonstração estampada neste número.

As primeiras medidas que pretendemos tomar foram de um pronto restabelecimento. Angariamos o maior número de assinaturas possíveis; traçamos um plano de trabalho tal que se evitasse, a todo custo, abalar a sua já tão atormentada existência; alimentamos, por algum tempo, o sonho de transformar "O Bonde" em um Jornal realmente Jornal, que, além de Esaviano, fôsse de âmbito local.

As primeiras medidas foram tomadas mas, a não aceitação de nosso "pensamento", fez com que um grande desânimo se nos apoderasse.

Tentamos, então, reagir. Mudamos o nosso pensar e limitando-nos à posição de editores de um simples pasquim. Ainda assim, as colaborações continuaram a sêr escassas, mau grado os esforços empregados. Acabamos por reconhecer nossa ineficiência e vimos que outra solução não havia senão aguardar as eleições que nos permitissem eleger uma Diretoria cheia de "sangue novo", de idealismo, de capacidade, de tirocínio, emfim, cheia de requisitos essenciais para uma boa produção.

Esperávamos ver um pleito renhido, com aquele ardor característico de quem disputa aquilo que foi feito com sa-

crificio, para seu usufruto. Mas, infelizmente, o que vimos foi a eleição de Fraisse, praticamente, por coação.

A prática que adquirimos, estas ligeiras considerações, e os caminhos por que vem "trilhando" nosso Bonde, permitimos advertir nossos sucessores.

A mocidade, embora sonhadora e idealista, não é inteiramente digna de crédito porquanto se limita a criticar suas próprias organizações, sem dar-lhes o devido amparo.

Não fôra as infalíveis colaborações de Pau Canta; Subaco, Kokay e Pagão nem mesmo as parcas tiragens teriam sido editadas. A estes e aos demais colaboradores, nosso preito de gratidão e reconhecimento,

À Diretoria sucessora nossos votos sinceros de felizes empreendimentos.

A DIRETORIA

POLÍTICA

"EMERSON"

Tradução de Cesar Cáceres

O Ouro e o Ferro valem
Para adquirir Ferro e Ouro,
O Alimento e o Manto da Terra
Trocam-se, sempre, por similares,
Merlin, o sábio, predisse
E o grande Bonaparte provou
que nem com frutos nem com
moeda

se adquire nada de igual valor.
A Astúcia, o Têmor, a Avareza,
Não podem fundar um Estado,
pois, com pó não se forma
o que vale mais do que pó.
Os muros que Anfiôn construiu
deverá Febo garanti-los.

Quando tôdas nove Musas
Se juntam com as virtudes,
acham para seus designos
uma paragem no Atlantico,
com ramos de verdes campos,
muito rachados pelo calôr,
E, ali, o arado do Estadista
traça os sulcos dos trigais.

Quando a Igreja é virtude Social
e o Estado-casa é terra
tem-se, então, o perfeito Estado
O Estado-republicano, em casa.

FOLHA CAIDA

— KOKAY —

Linhas paralelas,
De cidade moderna.
Corrente arbórea.
Avenida...

As árvores sussurram
Canções surdas,
Despidas de sons,
Impregnadas de luz.

O vento assobia,
Rítmos ligeiros.
Ergue-se a poeira.
Ciclone febril...

O pó acaricia a brisa,
E oscula as morenas folhas,
Queimadas de sol.

Dos braços paralíticos,
Deslizam exaustas
Embrulhadas no ar:
As folhas caídas.

Meio dia...
A atmosfera está saturada,
De pensamentos suicidas,
Vindo das sombras curtas dos edifícios,
E das coisas abstratas.

Os postes cançados,
Rezam...
O sino de boca aberta,
Não solta palavrão.
Está rouco...

Folhas e nuvens hipnotizadas
Suicidam-se,
Abraçando os paralelepípedos.
Folhas caídas...
Chuvas perdidas...

Fevereiro...
Noites aquosas,
Dias sensuais.
A avenida se pintou,
E bebeu lança-perfume.
Carnaval...

A seiva das árvores suadas,
Dansou o frêvo.
Os estomatos estão bêbados.
Folhas entorpecidas...
Depois,
Cinzas...

A tristeza paraliza as horas.
Apenas,
O sol trabalha.
E mortos na via,
Vêm-se: As folhas atropeladas.

Diretoria de 1947

Saldo Devedor Cr\$ 124,50

Diretoria de 1948

Dinheiro em Caixa 15,30

Diretoria de 1949

DEMONSTRAÇÃO

DÉBITO :

Despesas Gerais	254,00	
Despesas Postais	25,00	
Gastos de Imprensa	2.980,00	
Gratificações	100,00	
Impressos	<u>431,50</u>	3.790,50

CRÉDITO :

Arrecadação de Assinaturas	3.220,00	
Arrendamentos	2.208,60	
Juros	52,00	
Rendas Diversas	89,00	
Venda de N ^{os} . Avulsos	<u>10,40</u>	
	5.580,00	
Dinh ^o . em Caixa em 31-12-48	<u>15,30</u>	5.595,30
Receita	Cr\$ 5.595,30	
Despesa	Cr\$ <u>3.790,50</u>	
Saldo para 1950		Cr\$ 1.804,80

Guy P. Freitas
Diretor

José P. Rezende
Gerente

“O BONDE”

DIRETORIA RESPONSÁVEL

Diretor — Albert M. Alonso
Redator Chefe — Ernani L. Hartung
Gerente — Guy P. de Freitas

ASSINATURA

Anual Cr\$ 20,00
Semestral Cr\$ 10,00
Exterior mais Cr\$ 5,00
Avulso Cr\$ 0,50
Atrazado Cr\$ 0,60

REDAÇÃO

Escola Superior de Agricultura
Viçosa, Minas Gerais
Impresso na Tipografia São José
Rua Artur Bernardes

SOCIAIS

(Continuação da 6^a. página)

Dia 6-11—Djalma Ferreira, do M4.

Dia 7-11—Zalder B. de Araujo, do S4 e Exma. Sra. Ataliba Bittencourt, da Sociedade Viçosense.

Dia 8-11—Ladnor M. da Silva, do M-2 e Cícero Cordeiro, do S-4, e Srta. Lucy Cintra, da Sociedade Viçosense.

Dia 10-11—Luiz Juliano, do M-2
Dia 12-11—Petrônio Braz, do M-4

Dia 13-11—Celso M. Ferreira, do M-1.

Dia 26-11—Sr. José Lentine, conceituado comerciante de Viçosa

Dia 30-11—Renato Andrade, do M-2.

Dia 2-12—Pedro de Moraes, do S-8.

Dia 4-12—Srta. Maria do Carmo Lopes, da Sociedade Viçosense.

Dia 6-12—José C. dos Santos, do M-2.

Dia 8-12—Miguel A. Vilaça, do S-4.

Farão anos :

Dia 9-12 — Srta. Zilce S. Cavalcanti, da Sociedade Viçosense.

Dia 10-12—Estácio C. da Costa, do S-4.

Dia 14-12—Alipio L. Castilho Dias, do M-2.

A todos os aniversariantes, o Bonde felicita.

C.53/120

